



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiciato

Quinzenário • 27 de Julho de 2013 • Ano LXX • N.º 1810 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Harmonia

A beleza da vida encontra-se na harmonia em que a mesma se desenrola.

Tempo de Verão: os nossos mais novos foram saboreá-lo junto à praia. Roupa leve e chinelos nos pés, brinquedos, liberdade a correr e a saltar para a água do mar; jogos de matraquilhos e de bola de pé-para-pé; livros a condizer com as suas idades, especialmente procurados pelos mais curiosos e interessados no conhecimento...

Perguntei aos mais pequenos se queriam regressar a Paço de Sousa... Que não, os sorrisos condiziam com o tempo de Verão e a sua felicidade.

Entretanto, na nossa Aldeia, as ruas são varridas das folhas secas e carumas que das árvores vão caindo; a piscina foi lavada e enchida com água límpida e fresca, que o sol temperará.

É Verão. Tudo parece harmonioso; só nós não encontramos a desejada tranquilidade.

Na vacaria os animais saboreiam mansamente este tempo e o alimento que não lhes

falta p'rá boca; é um lugar tranquilo onde buscamos, por vezes, este dom.

Começou a arranca da batata. São momentos de calor e de pó pelo ar, e do fruto recolhido da superfície da terra que a máquina ajeitou à mercê da mão de cada um. Uns rapazes organizam-se e encham os sacos de sarapilheira com o que outros juntaram em caixas de plástico. O esforço despendido é à medida da vontade de cada um, e um sinal da harmonia que urge construir pelas díspares vontades.

Nós paramos e reflectimos na importância deste dom: «A vaca pastará com o urso, e as suas crias repousarão juntas; o leão comerá palha com o boi. A criancinha brincará na toca da áspide e o menino desmamado meterá a mão na caverna da serpente.» Será!

No mundo falta a harmonia. Cada homem e cada mulher tocam o instrumento das suas vidas como lhes parece melhor. Não dão fé do Maestro fazendo sinais, para que a orquestra da humanidade toque harmoniosamente. Como resultado, é a desafinação geral, apesar de uns tantos afinados e atentos.

Um blog mostra um feto humano, acariciado pela mãe e o pai que o gerou... e por aquelas que viriam a ser suas irmãs se a natureza

Continua na página 4



Em suas mãos a capacidade de construir a vida

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Deixar a superfície

SE na vida humana é impenhoso, também com as plantas é benéfico estar perto delas com frequência para se sentir as suas necessidades mais prementes. Há momentos, deixámos um ambiente reconfortante de frescura verde que respirámos no milheirol amanhã para grão e educação.

Os pivôs têm debitado jactos cadenciados e abundantes sobre as folhas e caules sequiosos; e, a cada passo, exigem mudanças pelos operacionais para que a rega cale bem na terra, não só à superfície. Aquela água provém de funduras e vai cumprindo a sua função regeneradora. Pasmem-se que alguém estranhou ver os filhos desta Família, no pousio escolar, ocupados em tarefas destas... Para onde iremos com uma instrução de secretária e generalista?

Em regiões, como de entre o Mondego e o Minho, faz bem extasiar-nos com a beleza de alinhamentos e crescimento desta arraigada cultura que mudou o fâcies rural. É saudável o regresso à terra, até como consequência inevitável da desarticulação do tecido económico.

Demos connosco a ruminar nestas coisas dos torrões e avivou-se o exemplo do monge mártir Christophe — *É um bom ponto de apoio para mim: enraizar-me na terra.* E acreditamos que o crescimento de uma humanidade nova vem das profundezas da Graça e acontece no silêncio.

Mergulhar em águas profundas é uma grande necessidade, para se recuperar a profundidade da experiência cristã; pois, há manifestações que explodem mais nesta época estival e nos parecem distantes do radicalismo evangélico, sem chama de conversão.

Acontecem ainda muito por montes e vales onde se avistam sinos, em que também se vai presentindo um certo vazio espiritual, mais sistémico em meios de concentração urbana e anónima. Calhou-nos passar numa igreja outrora conventual, em que numa forte parede um veraneante notou a escassez de Eucaristia no dia do Senhor, na região, devido à minguagem de pastores. Congregar as comunidades em volta das Mesas é fulcral para as refazer e animar. Porém, há quem se esfalfe por seca

e meca no encalço de quem diga Missa, em dias de foguetório.

Se vão escasseando vocações presbiterais, também é a família que está em xeque, pois a esta aridez não é alheia a queda abrupta e preocupante da natalidade e do sentido para a vida. Porque teimam, então, em manifestações superficiais e ruidosas? De facto, para além de misturas *new age* e do pular da descrença, não descolam, de olhos vendados às crises, aqueles fenómenos sem a exigida purificação e separação. Há eventos, imbrincados em campanários, que são deles usurários. Cristo é a porta de acesso a Deus; e há quem se meta por atalhos confusos.

Que havemos de fazer? Em contraponto àquela superficialidade, é de advogar e caminhar seguramente pela simplicidade da vida cristã e encontrarmo-nos com irmãos nossos à espera do que é devido e essencial. Quem não conhece alguém a sobreviver e marejado de lágrimas? De uma mãe, em sufoco, escutámos: — *Estou desempregada e abandonada; não consigo criar os meus filhos...*

Neste tempo digital, correndo o risco de nos perdermos no superficial, há algo verdadeiramente importante que nos ajuda a aproximar do Mistério e ver quem é o nosso próximo: o silêncio! □

SINAIS

Padre Telmo

A mulemba cresce, cresce... vai afastando os ramos submissos dos jacarandás e toma conta. Mulemba é rainha. Quando, há poucos anos, enterrei no chão duro a estaca, não imaginava que fizesse aí o seu trono. Fez e reina. Um pássaro da noite deve ter lá o seu ninho, pois ouço no silêncio o seu pio nocturno.

No terreiro, em frente da capela, os «Batatinhas» varrem o chão. Alguns — enquanto a vassoura desliza — olham o céu e as maravalhas ficam. Deixa, são sagradas — passou por elas inocência.

O nosso «Sida», um pouco simples, não varre. Arranjou uma caixa, atou um fio e transporta o lixo. Trabalhando, brincam — é uma festa.

Um jovem da *nova era* disse-me que era mais educativo que os meninos estivessem em frente da televisão a verem filmes de bonecos... filmes de fantasia irreal e quase todos com violência fantástica, longe da vida e do amor. Julguem.

O meu Domingo é na capela de adobos e chapas furadas. Ali celebro a Santa Missa. As mães e os pais e já muitas crianças escutam atentos a palavra em kimbundo lida pelo Catequista. Leio o Evangelho e falo; ele em kimbundo repete. Cânticos com alma! Ofertório cantado e bailado com ritmo e graça; ofertas simples mas do agrado do Senhor. No cântico de acção de graças o ritmo passa aos corpos que se maneam com graça. Não sei dançar, mas minha alma baila também.

A filha de Saul criticou o rei David por dançar a Deus no meio do povo. «Danço e dançarei». Deus rejubila com a alegria dos filhos!

Todos os domingos recebo, na terra batida e altar de barro, esta lição de alegria e louvor a Deus.

Velhinho e já curvado, mas logo me cativou com o seu semblante a transmitir bondade num tom simples e humilde. É da comunidade de Cahombo. O catequista morreu. Como que mandado por Jesus ele assumiu a orientação da comunidade. A capela ficou pequena e comandou o aumento.

Veio hoje pedir-nos os barrotes e algumas folhas de madeira. Que sim, vamos ajudar com alegria. Mais uma capelinha de terra batida e altar de barro onde Jesus se consolará com o ritmo dos cânticos e a simplicidade dos corações.

«E se houver só dez justos, vais destruir a cidade?» «Não a destruirei». □

Pelas CASAS DO GAIATO

MOÇAMBIQUE

Félix Luís

A Casa-mãe, edifício principal, está na fase de acabamentos. Foram quatro meses de reabilitação. Na próxima semana, vamos voltar à nossa cozinha, copa e refeitório. Que alegria ver tudo limpo e bem arrumado.



Com as férias, os nossos manos mais velhos vêm passar uns dias conosco, para dar o seu apoio e poderem passar-nos a sua experiência.

Recebemos voluntários de Portugal, três de Espanha e dois de Moçambique. Estamos gratos pela ajuda que nos estão a dar, principalmente no acompanhamento escolar.

É tempo de frio, a machamba começou a dar hortícolas. Tem sido uma alegria ver e sentir a nossa alimentação melhorada (fruto do nosso trabalho).

A semana passada, recebemos o Paulo e o Sancho, de 6 e 7 anos respectivamente. A nossa Casa está cheia, mas perante a situação em que estavam, era quase impossível dizer não. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

A FRAGILIDADE DO CORPO E A ETERNIDADE DA ALMA — No Domingo, dia 7 de Julho, a nossa Conferência organizou aquilo que por aqui se chama a “Missa dos Doentes”. De facto, foi com a Eucaristia na Igreja Paroquial que o evento começou, e bem, tendo como especial intenção os doentes. Vieram os doentes e os idosos que quiseram e puderam. Lembramos, também os outros que quiseram e não puderam vir. Seguiu-se um almoço preparado e servido pelos Vicentinos. Foi um evento simples, que quis expressar, desta forma que não substitui outras, a atenção pelos nossos irmãos cuja saúde está em situação mais frágil.

Quando a saúde ainda não fraqueja, esquecemo-nos facilmente de quão facilmente ela nos pode faltar a nós e aos outros. Esquecemo-nos facilmente daqueles onde ela é frágil e que estão a sofrer por isso. Esses também são pobres.

Quando a saúde ainda não fraqueja esquecemo-nos, muitas vezes, que esta vida, que temos, não veio de nós. Foi-nos dada por Deus, juntamente com a liberdade de a conduzirmos por onde quisermos.

Quando a saúde ainda não fraqueja esquecemo-nos, muitas vezes, que, de um momento para o outro, podemos perdê-la e partir deste mundo. Nessa altura, a fragilidade do corpo, ou o seu desaparecimento deixam-nos só com o que realmente é essencial: não as coisas materiais que acumulamos neste mundo, mas a nossa alma. A nossa alma é a nossa vida. Essa vida que Deus nos deu, mais o que a nossa liberdade dela fez neste mundo. Essa vida que quando partimos deste mundo, às vezes, fica bem espelhada num olhar captado numa foto que nos lembra a quem por cá fica. Nessa foto que nos evoca, é só o nosso olhar, sem palavras, sem as coisas que acumulamos neste mundo. Essa foto, esse nosso olhar sem palavras que depois nos evoca a quem por cá fica, é um sinal do que é essencial: não o nosso corpo e as coisas materiais que acumulamos neste mundo, mas a nossa alma. A nossa alma que é a vida que Deus nos deu, mais o que dela fizemos na nossa relação com os outros e com Deus.

O nosso NIB: 0045 1342 40035435340 43

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Já tínhamos recebido cá em Casa o nosso adversário desta semana: Rebordosa Atlético Clube. Foi um dos jogos mais renhidos que tivemos e, tanto assim foi, que, não conseguimos ganhar.

Ora, desta vez, fomos até Rebordosa, para jogarmos no campo principal, com relva natural. Não é novidade para nós, mas é sempre bom jogar em pisos como este. Tomara muitos clubes dos escalões superiores, ter as condições que o Rebordosa tem.

Chegámos lá, e já tínhamos dirigentes, atletas e equipa técnica à nossa espera. Tivemos que nos encaminhar logo para os balneários, mas, mesmo assim, os nossos Rapazes, quiseram dar uma de atletas profissionais e foram primeiro ver o estado da relva, como que se tratasse de um jogo da liga dos campeões.

Em relação ao jogo, não podia ter corrido melhor. Só me espanta e pergunto a mim mesmo, porque é que os nossos Rapazes, não têm sempre a mesma postura dentro do campo, como foi o caso?! Desta vez, demos a braçadeira de “capitão” ao Patrick, já que ele fazia o último jogo com a camisola do Gaiato. Partiu para Angola para começar vida nova. Que Deus o ajude e que tenha juízo. Para tudo é preciso ter sorte, é verdade, mas também temos que fazer por ela.

Um jogo jogado taco-a-taco e impróprio para cardíacos. Nós fizemos 0-1 por intermédio do Nelson;

eles ficaram furiosos e, fizeram 1-1. Ninguém queria perder este jogo. Eles durante toda a época tinham perdido um jogo; nós, nem se fala! Esta época é para esquecer!

O árbitro era federado e, por isso, estávamos à vontade. Apesar de ser conhecido deles, não houve truques. Já na segunda metade do jogo, Joanninha, de livre, fez o 1-2. O público que estava nas bancadas e não era assim tão pouco, aplaudiu de pé. Segundo viemos a saber mais tarde, toda a gente que estava nas bancadas fazia apenas e só, este comentário: «eles sabem jogar muito bem, e sempre com a bola no chão». Ora, isto, cai que nem canja!

Os rapazes do Rebordosa não eram pecos e, conseguiram fazer o 2-2. Parecia que tudo tinha ido por água-abaixo. Mas não. Apesar de sermos poucos, campo grande, relvado, fora de Casa e quase sem ninguém no banco, conseguimos marcar o 2-3, por intermédio de Francisco, fixando o resultado final. Amor com amor se paga: em nossa casa ganharam eles por 2-3; agora, ganhamos nós em casa deles por 2-3.

No fim do jogo, toda a gente se cumprimentou e merendou. Claro, oferecida por eles. Quando vieram cá, ofereceram-nos um equipamento; agora, foi a merenda!

* * *

Acabou a época 2012/2013. E acabou bem, apesar de ser a época mais

desastrosa destes últimos 20 anos. Não há memória do Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, sofrer tantos golos, tantas faltas e, por vezes, enorme falta de aplicação e dedicação àquilo que é nosso. Qualquer coisa servia para justificar a não comparência.

Como último jogo desta época, deslocamo-nos a Baião. Um jogo que, ao contrário de outros, correu bem e, apesar de não irmos completos, mais uma vez, conseguimos, pelo menos não perder. Estivemos a perder por 2-0. Nelson faz 2-1; Hugo Pina faz o empate; eles alteram o marcador para 3-2 e Hugo Pina volta a marcar e de novo empatada a partida. À medida que o jogo se ia desenrolando, os rapazes de Baião iam crescendo e voltaram a alterar o marcador para 4-3; só que, o marcador de serviço, Hugo Pina, volta de novo a empatar a partida e a fixar o resultado final.

Este ano fizemos menos jogos. Muitas coisas contribuíram para que isso acontecesse. O campo, a falta de dedicação por parte de alguns Rapazes, disponibilidade dos clubes para jogar, etc., etc..

Mesmo assim, fizemos 26 jogos; marcamos 84 e sofremos 81 Golos. Obtivemos 11 vitórias; 5 empates; e 10 derrotas. Os cinco melhores marcadores foram: Joanninha 18; Hugo Pina 17; André «Espanhol» 11; Nelson 9 e Ruben 8.

Foi assim esta época. Espero que a próxima seja melhor. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

ENCONTRO ANUAL — Há cinquenta anos estavam já feitos os preparativos para o lançamento da Obra da Rua em África, as Casas do Gaiato de Malanje e Benguela e, mais tarde, em Maputo. Daí à sua iniciação, foi um relâmpago. Hoje, os nossos seguidores dão continuidade, já com outras tecnologias, mas com dificuldades que nos afligem a todos.

Vamos ter o nosso Encontro na casa da praia de Azurara, nos dias 7 e 8 de Setembro, para recordarmos os bons momentos passados em família na nossa infância — e passagens há que jamais se apagam da nossa memória.

O almoço de sábado é o que cada um levar e partilhar. Para dormir traz lençóis, e já agora uma toalha para um mergulho. O restante programa,

logo o saberás na hora da chegada; sabendo-se que a reunião entre todos será no Domingo, pela manhã, em hora a combinar.

Contamos com a presença do Senhor Padre Telmo, para com alegria e boa disposição celebrarmos em paz este nosso Encontro.

Diz que vens.

Contacta: Nelo, 224330127; Carlos Anjos, 964522711. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

HOMENAGEM A PAI AMÉRICO — A 6 de Julho, Sábado, decorreu na cidade de Penafiel o 33.º Encontro dos antigos alunos do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Pelas 11.00h, houve uma palestra sobre a vida e Obra do Padre Américo, pelo Dr. J. Coelho Ferreira, no Museu Municipal de Penafiel. Às 12.30h, no Largo Padre Américo, junto da sua estátua (de 1972), para aí transferida recentemente do Jardim da República, aconteceu uma sentida homenagem.

A bandinha dos Rapazes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa tocou expressamente o hino da Obra da Rua; depois, alguns Rapazes da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo colocaram ramos de flores amarelas, a que se seguiram palavras a propósito. Entretanto, foi celebrada a Eucaristia na Igreja da Misericórdia com o coro dos antigos alunos, em que concelebraram o Padre Júlio e o Padre Manuel. Foi uma bonita comemoração, ainda no âmbito dos

125 anos do nascimento do nosso Pai Américo.

ESCOLAS — Depois da entrega das avaliações, a maioria dos Rapazes já foi matriculada do 1.º ao 3.º Ciclo. Alguns Rapazes que têm dificuldades, esperemos que melhorem os resultados.

FÉRIAS NA PRAIA DE MIRA — O primeiro turno de vários Rapazes, da casa-mãe, seguiu a 15 de Julho para a nossa casa de férias, na Praia de Mira. A orientação cabe à

sr.ª D. Nazaré e aos Profs. Paulo e Paula, com o Diogo. É o grupo dos pequenos, que ficarão duas semanas para descansar, brincar na areia e mergulhar nas ondas do mar.

AGROPECUÁRIA — Com o tempo mais quente, tem-se regado a cultura do milho, que está crescido. Continuaram-se a limpar as ervas daninhas na encosta em frente à rotunda Padre Américo, nos socos de citrinos e no quintal ao lado da nossa Capela. O gado todos os dias tem de ser tratado. □

PENSAMENTO

Pai Américo

É muito difícil, se não impossível, que o homem material penetre nas coisas do espírito. (...) O mundo interesseiro semeia a desolação nas almas a tal ponto que, sem a virtude da Fortaleza, corre-se o risco de naufragar.

in Doutrina, 2.º Vol.

MALANJE

Padre Rafael

Pegar no arado sem olhar para trás...

QUEM alguma vez não desejou que o tempo parasse... por um instante, parecemos tocar o céu... pessoas... lugares... momentos. São centos e procuramo-los na arrecadação da nossa memória, quando o presente não nos diz nada. Quem me dera ser menino, para pegar no arado sem olhar para trás, para viver o presente sem pensar mais além.

Há uma canção que cantávamos na Missa que dizia algo assim: «Fazer um homem, Senhor, que

confusão...» O que mais graça tinha nesta canção, era pensar na cara que Deus faria ao ver as que lhe preparava a Humanidade. Contudo, como dizia Pai Américo: «É uma organização dentro de uma aparente desorganização... tudo para eles e por eles».

Entre todos tentamos criar um bom ambiente educativo e aproveitamos todos os encontros para poder ver, analisar, sopesar e mudar o que houver de ser mudado; sem nos podermos esquecer do nosso ponto de refe-

rência, que é Jesus de Nazaré, para uns, vivo... para outros, morto... para todos actual.

Em toda a Sua mensagem está o que alguns chamaram «a pedagogia do amor». Tudo se pode transformar quando se aceita, se perdoa, se espera... Evidentemente, como em todas as famílias, andamos mais preocupados com que não falte a comida no prato, à mesa, do que com coisas mais espirituais. Críticas que levamos com a maior dignidade possível.

Esta semana vamos tentar reco-

meçar com os grupos de catequese, por idades.

Continuamos sem solução à vista para o problema dos leitões, que continuam a morrer. Já morreram mais de onze desde que começou esta enfermidade. Uns dizem que é peste; outros que é da alimentação... E nós dizemos como Job: «Deus nos deu, Deus nos tirou...». O pior é não podermos comê-los.

Os rapazes vão cumprindo os seus castigos, todas as tardes, segundo as suas idades e o número de negativas. O pior caso é o dos cinco que foram expulsos por não assistirem às aulas. Segundo as normas do Governo já não poderiam continuar os estudos, mas chegámos a um acordo com

a Direcção e se voltarem a fazer o mesmo, deixarão definitivamente a Escola. Isto se se levantarem todos os dias às cinco da manhã, durante dois meses, para carregar uma carroça de areia.

Padre Telmo continua com paludismo, esta é a terceira tentativa. No caso de não melhorar, tomamos a decisão de o enviar para Portugal a fim de que se possa curar lá. Ele não se sente especialmente mal, mas as análises acusam positivo para paludismo.

Não podemos evitar olhar para trás e dar-nos conta de que o mais importante, para aqueles que sofrem, é saber que estás com eles. Que Ele pode fazer a Sua vontade, deixando-nos, a nós, fazer a nossa. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ajude quem ajuda

COM este slogan a PT realizou, há anos, uma campanha entre os seus trabalhadores para aquisição de bens alimentares a serem distribuídos, pelos pobres, através da Casa do Gaiato.

Muito louvável a iniciativa, na medida em que pessoas detentoras ainda de postos de trabalho e salário garantido, sejam capazes, com esta mensagem de acudir a quem passa tanta necessidade e sofre indizíveis angústias!

A Casa do Gaiato de Setúbal mereceu a eleição dos trabalhadores da PT e, como referi na altura, veio um camião de mercearia que fomos distribuindo com a garantia de a darmos a quem mais precisava.

A PT voltou, de novo, à sua campanha, mas, agora, com critério de escolha diferente para a entrega. O que eu acho muito bem, sentindo que, por entre aquela gente, sopra o Espírito do Senhor. A mesma ope-

ração, talvez com mais empenho, mas para ser entregue em cada distrito o que os trabalhadores da PT, dessa zona, angariassem.

Em Setúbal, fomos de novo escolhidos e uma delegação significativa de trabalhadores, da referida empresa, veio, com uma carrinha grande fechada, entregar-nos uma dúzia de caixas, pesadas, com os produtos embalados.

No grande jardim, que é a nossa sala de visitas, esperaram pacientemente por mim e, ali, de pé, frente uns aos outros à sombra da tileira, dialogámos sobre esta fraterna actividade, sobre o Espírito que enforma a Obra da Rua, com as suas Casas e os seus trabalhos, a tragédia que se abateu sobre os mais indefesos e a necessidade imperiosa de todos darmos as mãos. Ter trabalho, hoje, é um privilégio cujos benefícios devem ser repartidos pelos que mais sofrem.

Todos de acordo; e eu vi que uma alegria interior os invadia, irradiando, nos

seus olhos e no seu rosto, chamas de felicidade!

Experiências que só avalia quem as vive.

O nosso filme

APESAR de ter sido realizado no Inverno, estação do ano com as cores naturais mais mortíferas, não deixa de deslumbrar e dar alegria a quantos o visionam.

Aqui, em Casa, montámos um ecrã gigante e arranámos um projectador profissional, não só para este fim, mas, também, para outros de ordem cultural, artística e recreativa.

Eu sei que muitos Assinantes e Amigos não têm ao seu alcance, nem um computador nem um leitor de DVD's, ou porque são pobres ou porque estas técnicas os ultrapassem. Mas é fácil apreciar o DVD

em qualquer computador que tenha som.

Uma leitora, da Avenida da Boavista, do Porto, fala do filme desta maneira: — *Fiquei maravilhada, pois acho que os grandes objectivos do Padre Américo continuam a ser postos em prática: dar ao rapaz, acima de tudo, uma família e torná-lo homem válido para a sociedade.*

Tudo o que se faz nas Casas do Gaiato, não tem nada a ver com os lares de acolhimento. (...) Que grande lição nos deixou o Padre Américo. Realmente, só alguém iluminado pelo Espírito Santo podia conceber uma Casa desse tipo. Um dos meus filhos, que tem ainda filhos pequenos, ficou tão maravilhado que quer vê-lo com a sua família.

Outro assinante do Norte: — *Conheço bastante bem, a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, desde o tempo do Padre Américo, mas, na verdade, só com este filme me foi possível penetrar o verdadeiro espírito da Obra da Rua. Obrigado.*

Que dizer mais sobre o filme?! □

VINDE VER!

Padre Quim

Levantar os caídos

A caridade é a única força capaz de realizar as obras humanas. Estas, ameaçadas pelas crises sociais provocadas pelo orgulho e ambição desmedida pelos bens deste mundo perecível, fazem temer as forças do bem que com relutância pagam ao humanismo o preço das suas escolhas. Quando tudo parece estar ameaçado, a força do alto surge do seio do Pai Celeste, viva, dominante, eficaz.

Pai Américo na opção radical que tomou, naquilo que veio a ser a orientação de toda a sua vida entregue à causa do pobre abandonado, está expresso com letras vivas de caridade na Obra que Deus, por seu intermédio e por esta pequena janela do mundo, quis revelar a Sua paternidade. Tal imitação perfeita de Cristo aconteceu nos nossos dias, quando o mundo decaído na miséria, fruto das guerras que nascem do coração do homem, movidas pela sede de poder, pela ânsia do ter, e dominar os mais fracos aos olhos das nações, viu surgir, no nosso século, a revolução pacífica do amor.

Há mais de dois mil anos, o mundo assistiu ao escândalo da Cruz, onde o Filho de Deus revelou o coração do Pai rico de amor misericordioso para com a Humanidade abandonada e escravizada pelo mal, e reconheceu, «na verdade este homem era filho de Deus». Cristo, redentor da Humanidade, veio manifestar a vitória do amor e do bem sobre as forças do mal. A ovelha perdida foi encontrada, o cego recuperou a vista, o paralítico, que jazia na enxerga, deu um salto e louvou a Deus pelo caminho, à mulher pecadora, porque muito amou,

foram-lhe perdoados os seus muitos pecados. Assim com Cristo, assim com a Igreja de Cristo, onde Pai Américo encontrou o pobre na criança perdida e desamparada, o doente desprezado e humilhado, famílias sem pão nem tecto, adolescentes e jovens puxando pontas de cigarro nas ruas, atormentados pela insegurança e pela incerteza dum futuro digno. Qual reacção mais humanista vinda do seu coração não deixou o mundo espantado, quando na Acção de recoveiro dos pobres, veio a transformar o «lixo das ruas» em pedras preciosas para a construção do equilíbrio social. O mundo necessita de conhecer e refletir nestas verdades; o mundo deve ir à fonte verdadeira se quiser matar a sede de ser autenticamente o que está vocacionado a ser.

Na festa da Obra da Rua, cujas vésperas estamos já a celebrar, a palavra de Pai Américo tornou-se presente na vida comunitária; para marcar instituímos uma semana de oração chamada a semana de Pai Américo; a sua palavra vinda do *Cantinho dos Rapazes*, é lida na voz de um dos seus filhos, da nossa Casa, entre os mistérios do Terço, a nossa oração da família, ao fim do dia. Tocará a cada um a sua vez. Quando me vêm chegar, com o livro na mão, é como se trouxesse um pão quentinho para matar a fome a todos, e correm e querem tomá-lo para ouvir Pai Américo que vive na Obra que Deus lhe revelou — o seu rosto de amor. A conclusão é do seu livro *Doutrina*: «A Obra é de Deus não vale a pena discutir; ela permanece». E eis. □

ABRÃO

Padre João

PEDI ao Abrão que me ajudasse a transportar uns garrações de água ao meu quarto, que os deixasse à porta enquanto não chegasse e que esperasse. Um problema articular impede-me de ser mais ágil e nunca tanto quanto ele, obviamente... Enquanto me dirijo ao seu encontro, vou meditando no nome que lhe foi dado ao nascer para a vida natural e na grandeza que tal nome evoca no quadro da revelação judaico-cristã, no que concerne à obediência amorosa à fé no «Deus Único».

Certamente, nem ele sabe nem sonha ainda, que o seu nome transporta um carga religiosa e afectiva tão sublime. Pode ser que, a seu tempo, lhe seja explicada e venha a compreender. Vale a pena recordar este nome bíblico, um dos mais emblemáticos, carregado de emoção e profundidade na vida do «outro» Abraão — O Pai dos crentes.

Enquanto isto, chego ao pé do Rapaz que me aguardava à porta do quarto. Digo-lhe que entre e arrume no sítio que indico. Como estivessem à vista dois pacotes de doces, pergunto se quer, que sim, respondeu.

— Quantos? — perguntei

— Padre João é que sabe...!

Como a obediência verdadeira e fecunda se desenvolve sempre num quadro de afecto e atenção desvelada! Não haja dúvida; sempre assim foi e sempre assim será.

Dei-lhe meio pacote daqueles doces em atenção a tudo e particularmente ao seu humilde e fiducial de sabor abraâmico: *Padre João é que sabe...!*

Abraão foi conquistado para a obediência da fé pela convivência amiga e persistente com Deus.

Abrão ainda está há pouco tempo connosco. Irá, pouco-a-pouco, aprendendo na escola da vida que os verdadeiros valores se cultivam na obediência e na fé à semelhança do «Pai na fé» paradigma dos crentes de todos os tempos a que o nome do nosso Rapaz faz «jus». □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

FOI mais uma semana atormentada, esta, que o Senhor me deu a viver.

Uma mulher pequena, mas bem parecida; magra, mas revelando alguma robustez, apareceu-me com uma criança pegada ao peito e outra pela mão.

— *Olhe que dormimos debaixo de um sobreiro!*... — E mostrava-me as nádegas da criança cheias de equimose borbulhenta. — *Isto é de andar de rastos pelas ervas.*

— *Oh! mulher, arranje uma casa, que eu pago-lhe a caução e o primeiro mês.*

— *Mas onde?* — Retorquiu-me.

— *Você é que sabe! Então, sou eu que lhe vou procurar uma casa? Não vê que tenho tanto que fazer? Procure, procure que há-de encontrar.*

Voltou, depois, com os quatro filhos. Todos ainda crianças, em escadinha. O mais velho p'raí com oito anos!

— *Já viu?... Que faço eu com as crianças?!*

— *Você é que sabe. Os passarinhos, antes de terem os filhos, fazem o ninho. Você fez ao contrário: criou filhos, antes de fazer o ninho; e agora, aí tem o resultado.*

— *Mas a mulher não desistiu, voltou de novo com a sua prole: — Veja lá, tenha pena.*

— *Eu tenho pena, mas não resolvo nada com ela. A pena não me dá uma casa.*

Durante vários dias intermitentes, a pobre *massacrou-me?* com uma perseverança notável.

— *Só você é que vem? Então, o seu marido?*

— *Vou já chamá-lo.*

Homem alto, ainda novo, deficiente de um joelho e muito estrábico de uma vista, olheiras fundas, nariz refilado, cara suja, representava bem o rosto doloroso do Crucificado.

— *Tenha pena de nós senhor! Quem é que nos aluga uma casa?*

É evidente que ninguém lhes

aluga facilmente uma casa! Isto é claro. — *Perguntem, perguntem até encontrar! Pode ser.* — Dizia-lhes impotente!

Voltaram, dias depois, com uma carta em letras garrafais, a negro.

— *Olhe, veja! Vão tirar-me os meus filhinhos.*

Li a carta.

A ameaça não era clara, mas intimava os pais a comparecerem. As mães têm o sentido muito apurado! — *Olhe que me vão tirar os meus filhinhos!*

Eu penso que não, mas os pobres indefesos estão em maus lençóis.

A Autoridade, para ter autoridade, não basta que tenha a maioria no parlamento. Não basta. É necessário que respeite a lei natural, que está acima de todas as leis.

Se esta mulher fosse drogada, bêbada, prostituta ou insociável, entenderíamos a ameaça. Assim, não.

Só porque não tem trabalho, nem casa, nem eira nem beira! Só por isso — não.

A Autoridade deveria proporcionar-lhes, em primeiro lugar, os bens essenciais de que carecem, e só depois, velar para que eles cumpram os seus deveres, a seguir... se não cumprirem, sim, que venha a ameaça como coação, mas só ameaça.

Os pobres meus senhores, se não têm nada, muito menos gozam de capacidade para arranjar um advogado que os defenda. E ninguém venha afirmar que o Estado lhes fornece um defensor. Eles não sabem isso e... mesmo que saibam... tantas vezes este direito se transforma em mera formalidade... para desculpar um Estado que deveria ser de Direito e não é.

A mulher agarrava-se a mim e aos filhos num pranto de dilacerar os corações mais duros!

Acalmei-a com aquelas palavras sem convicção: — *Isso não irá acontecer.*

As crianças têm os seus direitos, ninguém duvida. Mas... atenção... que nada compensa a companhia afectuosa de uma mãe equilibrada.

Uma gata pariu, em nossa Casa, uma ninhada de cinco gatinhos. Eles cresceram e têm, agora, três meses. São a delícia dos rapazes e, até, dos visitantes.

Os gatinhos saem para a relva do jardim, em frente à cozinha, a brincar, mas a mãe-gata não os deixa a sós. Senta-se, com as patas dianteiras bem estendidas, a olhar em redor: não venha algum cão atacar as suas crias. É tão belo e elucidativo o instinto maternal dos animais.

Em Casa há seis cães, alguns grandes, mas a mãe-gata não tem medo de nenhum!

Na nossa pocilga, agora, duas porcas pariram, cada uma, dez bacorinhos, lindos, lindos. Mas só de longe os podemos contemplar, porque se alguém tenta entrar na divisão que os acolhe, as porcas atiram-se como leões, de boca aberta, em defesa dos filhos.

Poderia apresentar muitos exemplos da natureza pura. Não precisamos de grandes lucubrações científicas para entender a força da natureza.

Trouxe aqui estes exemplos por serem vivos e actuais, e terem o testemunho dos rapazes que me lêem, para dizer aos homens das leis e da sua aplicação, que tenham muito cuidado (o que não tem acontecido) a não contrariarem a natureza humana.

Se quiserem resultados duradouros e firmes, olhem para a natureza pura e não somente para as comodidades e conveniências ou legislação pseudo-científica.

As cadeias repletas de jovens — um peso enorme para o Estado e um empobrecimento social incalculável — devem impelir a mudar o rumo de tantas iniciativas frustrantes.

O porquê de tantas vidas perdidas, é um argumento de força. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Dia da Obra da Rua

O 16 de Julho é o dia em que toda a Obra da Rua celebra o Dia de Pai Américo. Todos os ramos desta árvore maravilhosa, a Obra da Rua, plantada, pelo Amor de Deus, no coração de Pai Américo, recordam o dia do seu nascimento para o Céu. As Casas do Gaiato, como famílias dos filhos sem Família, são o lugar muito querido para a celebração da festa. Qual seria o destino da multidão de crianças abandonadas, se o coração de Pai Américo não fosse queimado pelo fogo do amor de Deus Pai? As Casas do Gaiato nasceram desta fonte inesgotável de vida. O Calvário, a Casa de Família dos doentes incuráveis abandonados, foi a coroa desta árvore. Na hora em que escrevo estas Notas, nas vésperas da festa de Pai Américo, sinto a falta do Calvário nesta nossa querida Angola. Os doentes incuráveis, sem família, acabam por morrer abandonados. Pai Américo viveu este problema muito grande, no seu tempo, em Portugal. Por isso, o Calvário foi gerado no seu coração. Quando o amor é autêntico, novas formas de vida são criadas. Quem dera não falte nunca nos corações de todos nós esta experiência do amor! A ajuda que prestamos como os nossos bens, tanto quanto possível, é uma forma de vivermos esta experiência do amor verdadeiro.

Um dos momentos preparatórios da celebração do 16 de Julho foi a nossa reunião de chefes da Comunidade. A palavra de introdução foi inspirada no Evangelho desta manhã de Domingo. O bom samaritano não passa indiferente, perante a desgraça do homem prostrado, na margem da estrada. Os salteadores deixaram-no meio morto. Foi salvo pelo amor daquele homem da Samaria. Outras pessoas passaram, aparentemente com mais categoria social, mas a indiferença não as deixou aproximar do ferido. Uma lição preciosa para todos nós: Devemos fazer como o Samaritano procedeu. Os inimigos mais perigosos do coração moram na indiferença e no egoísmo, perante o apelo de quem necessita de ajuda. Os Chefes da nossa comunidade familiar necessitam deste coração generoso, sacrificado, sempre pronto a prestar ajuda aos irmãos que lhes estão confiados. É o segredo do êxito da missão que lhes foi concedida. Quem dera esta palavra seja escutada!

Pai Américo viveu esta mensagem até ao dom da sua vida. Por isso, a sua palavra era acolhida como a verdade que saía do coração. Deste modo, a Obra da Rua, com todos os seus ramos, desde as Casas do Gaiato, Calvário, Património dos Pobres, Jornal O GAIATO foi, e continua a ser, amada, porque a verdade está no seu amor. Queremos continuar a seguir o caminho. Esperamos, como Pai Américo também esperou, a vossa ajuda. É nesta esperança que mantemos a nossa cabeça erguida e coração levantado. Ao celebrarmos mais um Dia de Pai Américo, contemplamo-lo presente na Obra que nos deixou. Um sinal sensível desta presença vimo-lo numa visita amiga que, hoje, de manhã, nos deixou uma ajuda para uma necessidade urgente. É uma forma eficaz de estar presente. Com um beijo de muita gratidão para todos vós dos filhos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

não tivesse interrompido abruptamente o seu desenvolvimento. Morreu com 19 semanas, do tamanho da palma de uma mão, mas em tudo um ser humano em desenvolvimento.

Que atrocidade seria provocar a sua morte! Mas há tantas mortes desejadas por falta de desejo de uma nova vida, que nos deviam fazer chorar de amargura e remorso...

A vida explode em harmonia. Se não o descobrimos é porque somos cegos, não vemos o Maestro que a rege. Os interesses pessoais, egoístas, espalham desarmonia. Lutas pelo poder, por uma cadeira que mais tarde será indubitavelmente ocupada por outros...

«O Bom Pastor dá a vida pelas suas ovelhas», para que o rebanho viva em harmonia. «Haverá um só rebanho e um só Pastor»; todas as ovelhas terão alegria em dar o seu quinhão, que não faltará a qualquer delas. □

túnel e começou a ver a Luz. Não aquela que a multidão deste tempo e por todo o mundo procura ver, mas outros lha tapam e não são luz. Estamos todos em crise a caminho do nada. Só os grandes têm a lógica, os interesses, os diálogos entre si, as economias globais como meta. Os marginalizados, os martirizados pelas guerras, os mortos pela

fome, os covardes não podem sobreviver. Caiu fundo em mim aquela expressão verdadeira de Alguém duma Ilha de Cabo Verde: «O Povo desta Ilha aprendeu com as cabras: ‘Quando não há que comer, roem pedras’». Que teria ele para dizer quando, já Sacerdote, quis escrever «de como subi ao Altar» e tropeçou no «eu» e desistiu? □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

SÃO vésperas da celebração de Pai Américo. Partiu inesperadamente. Nunca esqueci que estava no mercado da Ericeira — onde tinha ido com os Rapazes na Colónia de Férias que ali tinha a Casa do Gaiato do Tojal — a pedir peixe às vendedoras do Mercado, sempre tão solícitas quando ali aparecíamos. Um dos Rapazes, que estava em Casa e recebeu o recado pelo telefone da Colónia do Governo Civil, ali perto, levou o recado. Corri a apanhar a camioneta para Loures e cheguei ao Tojal quando se preparavam para sair. Chegámos, de noite, à Igreja da Trindade, cheia de gente a velar o corpo. Fiquei toda a noite e cedo ajudei à Missa ao Padre Carlos. Lembro-me que chorei. Depois, a saída para Paço

de Sousa. O Porto acompanhou, a pé, até à saída da Cidade, o corpo que ia no caixão. Longe de Casa, muita outra gente esperava. Até o «Nero», o cachorro de Casa, foi à frente, pertinho, até à entrada da Capela, que Pai Américo tinha construído para ele, só para ele, como escrevera. Ali ajudei à Missa, ali o vi fazer a Via Sacra, absorto no Mistério. A sua vida tinha sido um mistério e cada rapaz o era também, quando chegava às suas mãos. A Capela e os Rapazes, os Pobres, toda a sua vida ali girava. Tanto se disse e escreveu sobre ele, que continua essa vida a ser um mistério. Porque se foi embora de África, onde, e muito mais hoje, tantos procuram elevar o eu ao mais alto do ter e do poder. Quando

o ter começou a pesar no bolso, pesou-lhe mais na consciência. Ainda não se falava em direitos humanos, mas sentia que muito estava torto. Ai se Pai Américo fosse deste tempo, o que não diria e faria! Se até Salazar se calou; e se uma vez teve de ir reclamar à Censura, pelo seu direito de escrever, foi para se levantar perante a Lei: «Aquilo que não se pode remediar, também nisso não se pode falar». E proclamou: «Alto lá, senhor General, eu estou a remediar». E até alguns Bispos não o viam com bons olhos, mesmo tendo por norma não fazer «nada sem o Bispo». A inquietação levou-o por caminhos obscuros. Só passados tantos anos quantos esteve em África, chegou ao fundo do